

**ISSN 2238-9113****ÁREA TEMÁTICA:** (marque uma das opções)

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TRABALHO
- TECNOLOGIA

## **POR ENTRE OS LOGRADOUROS DA COMPREENSÃO LEITORA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Jessica Da Cunha (jehssicac32@hotmail.com)****Sandra Do Rocio Ferreira Leal (jehssicac32@hotmail.com)**

RESUMO – Este artigo visa perceber qual a concepção do professor sobre o processo de letramento dos seus alunos e qual a metodologia utilizada por ele com a habilidade da leitura para que as dificuldades com tal habilidade sejam supridas, tendo como base os documentos oficiais, DCE's (2008), reflexões de Antunes (2009) e Marcuschi (2008). A metodologia utilizada foi a aplicação de questionários com perguntas semi-abertas para professoras dos anos finais do Ensino Fundamental da rede estadual de ensino de Ponta Grossa-PR. Essa reflexão pretende contribuir com o entendimento da metodologia que é aplicada pelas professoras articulada à concepção de texto no ensino e ao discernimento das professoras a respeito dos níveis de leitura (compreensão, interpretação e extrapolação).

**PALAVRAS-CHAVE** – Letramento e leitor. Metodologia. Níveis de leitura.

### **Introdução**

O presente artigo visa mostrar qual a metodologia utilizada por professoras dos anos finais do Ensino Fundamental para um melhoramento/ supressão de dificuldades encontradas pelo aluno com a habilidade da leitura.

Compreender o quão grande é o discernimento das professoras para com os níveis da leitura: compreensão, interpretação e extrapolação e se a forma de trabalho com a habilidade vai ao encontro da teoria, demonstrando se de fato há um elo entre teoria e prática.

Os dados foram coletados através de uma pesquisa de cunho qualitativo, com perguntas semiabertas realizadas com professores de língua portuguesa dos anos finais do Ensino Médio, com o apoio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

Os resultados obtidos indicaram que todas as professoras que responderam o questionário têm que conhecimento sobre as diferenças entre os níveis de leitura, mas não souberam determinar ao certo quais são as diferenças. A biblioteca das escolas (em que as professoras pesquisadas estão atuando) carece de quantidade e qualidade de livros disponíveis, afetando assim a escolha precária de livros levados para a sala de aula.

### **Objetivos**

A compreensão de um enunciado, texto etc é de suma importância para os alunos, já que a utilizam em todos os aspectos tanto escolares quanto sociais (informais). Compreender de fato um texto é uma tarefa árdua e os alunos necessitam desse “entendimento” para prestarem vestibulares, pss, concursos em geral e principalmente, para sua vida profissional estudantil, familiar, na sociedade como um todo. Entretanto, essa compreensão dos alunos está se mostrando ineficiente e esta pesquisa buscará respostas perguntando aos professores qual a metodologia que eles utilizam para suprir essa defasagem de compreensão.

Entender como o professor trabalha para que seus alunos superem as dificuldades na compreensão do texto é de suma importância, pois os alunos não utilizarão tal “letramento” somente no meio estudantil, mas também na vida. Isso justifica a proposição desse projeto de pesquisa que busca notar se o professor (re) conhece as dificuldades dos alunos em tal processo (letramento leitor).

### **Referencial teórico-metodológico**

No cotidiano escolar, até mesmo nos processos de comunicação social, o aluno utiliza “meios” para se comunicar, tais como: a fala, gestos, escrita etc, chamados de gêneros textuais; como cita Marcuschi “os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia” (MARCUSCHI, 2002, p. 19).

Cabe ao professor ajudar o aluno a melhorar/aprimorar as suas atividades comunicativas para que consiga “moldar” os diversos gêneros textuais existentes aos meios sociais em que vivem.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica corroboram que “a escola contribui para determinar o tipo de participação que lhes caberá na sociedade” (DCE’s, 2008, p. 14), ou seja, a escola/professor tem um papel muito grande na emancipação do aluno através dos gêneros, portanto o aluno/cidadão deve saber qual gênero utilizar/adaptar para cada situação.

Aprimorar também as três habilidades: oralidade, leitura e escrita, sendo que a leitura é o foco deste artigo. Tal habilidade pode melhorar a escrita, pois segundo Antunes (2009, p. 196) “a leitura constitui uma das condições que propiciam o sucesso da escrita” (ANTUNES, 2009, p. 196), as DCE’s reafirmam que

Aprimorar os conhecimentos linguísticos, de maneira a propiciar acesso às ferramentas de expressão e compreensão de processos discursivos, proporcionando ao aluno condições de adequar a linguagem aos diferentes contextos sociais, apropriando-se, também, da norma padrão. (DCE’s, 2008, p. 54)

No processo de leitura, o aluno utiliza de todo seu conhecimento de mundo para atribuir significado àquilo que ele está almejando entender. A leitura torna-se algo individual, pois é o receptor tentando compreender algo, e coletivo ao mesmo tempo, pois esse receptor faz parte de um contexto. Portanto a leitura é uma via de mão dupla, necessita de dois lados, o do interlocutor e o do receptor, isto é, a “língua como modo de ação, como forma de prática social, direcionada para um determinado objetivo” (ANTUNES, 2009, p.36).

A habilidade da leitura abrange conhecimentos de mundo do aluno, envolvendo seu empirismo para ler, não somente gêneros escritos, bem como orais, gestuais, visuais etc, já que no seu cotidiano tais variedades de gêneros estão presentes. Os gêneros, tanto orais como escritos devem ser aprimorados, pois como afirma Bazerman “Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas” (BAZERMAN, 2005, p. 19-46, apud MARCUSCHI, 2002, p. 149).

Um texto sempre depende do outro, pois “todo enunciado é sempre um enunciado de alguém para alguém” (MARCUSCHI, 2008, p.20). Um texto/enunciado sempre tem a participação do outro, do ouvinte, só assim é que um texto se faz dialógico. Bem como ocorre em textos escritos, como cita Antunes “Tudo o que é escrito se completa quando é lido por alguém” (ANTUNES, 2009, p.192) .

O professor precisa saber a diferença entre os conceitos de compreensão, interpretação e extrapolação para que esses conceitos possam ser trabalhados em sala.

A compreensão inicia com a decodificação, mas não se limita a ela e busca aproximar o leitor das intenções do autor. Já na interpretação, o leitor já terá condições de fazer levantamento de hipóteses a respeito do que foi lido e emitir um juízo de valor mentalmente ou até mesmo verbalmente.

Na extrapolação, há a aproximação do texto à realidade vivida pelo leitor.

Tais níveis estão ligados intimamente ao processo de letramento do aluno e o exercício do mesmo. O desenvolvimento desse processo se dá na criticidade do aluno, na forma como ele utiliza os gêneros, os metamorfoseando de acordo com o contexto, Soares afirma que:

Ao pensarmos em alfabetização e cidadania, é preciso, aqui também, e de novo, fugir a uma interpretação linear desses dois termos, atribuindo-lhes uma relação causa–consequência, em que a construção da cidadania seja vista como dependente da alfabetização. (SOARES, 2013, p. 57).

Foi realizada uma pesquisa com professoras de língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental através de um questionário contendo 8 perguntas semiabertas, sendo que 10 professoras responderam o questionário. O questionário continha perguntas a respeito da metodologia das professoras quanto ao tratamento da leitura em sala de aula, quanto ao ambiente escolar em que está atuando e a escolha de textos para trabalhar em sala de aula. Algumas perguntas são perguntas chaves para o desenvolvimento desse artigo, o mesmo ocorre com as respostas de tais perguntas, sendo as perguntas:

- Para você, há alguma diferença entre compreensão, interpretação e extrapolação.

SIM  NÃO

Qual a diferença?

- Há aulas semanais específicas para o trabalho com leitura?

SIM  NÃO

Por quê? Como elas são?

- Existe, na sua escola, um espaço físico específico para leitura?

SIM  NÃO

Como é o espaço?

## **Resultados**

Pode-se perceber que as professoras sabem que há diferenças entre os três níveis de leitura (compreensão, interpretação e extrapolação), mas não souberam explicar essa diferença, algumas professoras tentaram, mas de maneira muito prolixa e superficial.

Um dado preocupante foi que todas as 5 professoras afirmaram que em seus colégios não existem espaços físicos específicos para leitura, sendo somente a sala de aula ou a biblioteca, a professora M afirma que “Somente a biblioteca. Há alguns anos tínhamos uma

“sala de leitura”, mas o diretor, por falta de espaço- isso foi o que ele disse- resolveu desmontá-la”.

Quando questionadas quanto à escolha das obras a serem lidas em sala de aula, sejam elas clássicas e ou ditas obras de literatura de massa, as professoras afirmam que elas próprias escolhem. Mesmo dando abertura aos alunos, dificilmente escolhem ler os clássicos.

A biblioteca, segundo as professoras, não tem muitos volumes do mesmo título para toda turma. Uma das professoras cita que para a escolha das obras, primeiro leva em conta o nível dos alunos, após a “disponibilidade de material”.

### **Considerações Finais**

A leitura está presente em todos os aspectos da vida de um aluno, bem como em todos os campos do conhecimento, áreas, portanto a responsabilidade de motivar/ensinar/cobrar tal habilidade do aluno não se detém somente ao professor de Língua Portuguesa.

Acredita-se que um lugar físico específico e atrativo na escola para os alunos seria de grande valia, talvez fosse uma forma de incentivá-los a lerem mais; ou a implantação de aulas em dias exclusivos dedicados à leitura fosse também uma boa alternativa.

Mesmo todas as professoras afirmando que possuem aulas semanais de leitura, as dificuldades com o letramento do leitor são frequentes, independente do ano em que o aluno está inserido. Sendo assim o trabalho com a prática da leitura deveria ser revisado em conjunto já que essa habilidade beneficia todas as áreas do conhecimento, dentro e fora da escola.

Esse artigo surgiu através de dúvidas encontradas nas observações e ministrações de aula no Estágio Curricular Obrigatório de Língua Portuguesa e Literatura, orientado pela professora Sandra do Rocio Ferreira Leal em parceria com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), coordenado pelo professor Paulo Rogério de Almeida, o qual proporciona uma interação com o meio escolar e exercer a docência antes da formação.

### **Referências**

- ANTUNES, I. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola editorial, 2009.
- .CANDIDO, A. *Direito à Literatura*, 1988. Disponível em: <http://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2011/10/candido-antonio-o-direito-c3a0->

[literatura-in-vc3a1rios-escritos.pdf](#) (acessado em 27 de Outubro de 2014, às 22h34min).

- COLELLO, S.M.G. *Alfabetização e letramento: repensando o ensino da língua escrita*, 2009. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur29/silvia.htm> (acessado em 25 de Outubro de 2014, às 00h27min).
- GOVERNO DO PARANÁ. Departamento de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Portuguesa*. Paraná, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONISIO, A. P. et al. (org.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- SOARES, M. *Alfabetização e letramento*. 6 ed., 5ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2013.